

**ANTROPÓLOGA
EM OUTRAS VIAS**
Entrevista com
MARY LOUISE PRATT

Mary Louise Pratt esteve em Lisboa a convite do Centro de Estudos Comparatistas (FL-UL) para participar na 7.ª edição dos encontros "Alterities, Crossings, Transfers" (ACT) subordinada ao tema "Representações do real na modernidade". Apesar de a sua estadia ter sido muito breve, acedeu gentilmente à realização desta entrevista que teve lugar num hotel da capital, um desses espaços de eleição da literatura de viagens pós-moderna. Nessa manhã de Março, surpreendeu-me a familiaridade da entrevistada com o português, língua que tempera com uma sonoridade brasileira.

Nascida no ano de 1948 em Listowel (Ontário, Canadá), lecciona desde há vários anos na Universidade de Stanford, integrando os departamentos de Espanhol-Português e de Literatura Comparada. Foi, aliás, nesta área disciplinar e naquela universidade californiana que se doutorou em 1975, tendo a obra *Toward a Speech Act Theory of Literary Discourse* (1977) surgido em resultado da dissertação então apresentada.

Talvez melhor conhecida dos antropólogos pela sua colaboração em *Writing Culture* (1986), Mary Louise Pratt tem no volume *Imperial Eyes* (1992) o mais importante registo da sua actividade intelectual, até ao momento. No plano editorial são já várias as re-impressões feitas e duas as traduções realizadas a partir daquela obra, sendo que uma delas se trata da versão em língua portuguesa com chancela brasileira, *Os Olhos do Império* (1999). Institucionalmente vinculada, por via da sua formação, aos estudos literários e linguísticos, Pratt tem desenvolvido, contudo, interesses de investigação que cruzam a análise literária de discursos – como sejam as narrativas de viagens e de exploração europeias por si trabalhadas em *Imperial Eyes*, ou ainda a actividade literária, jornalística e política de mulheres latino-americanas (*Women, Culture and Politics in Latin America*, 1990) – com a reflexão sobre os contextos históricos e ideológicos que marcaram a produção, a circulação e a recepção desses mesmos discursos, dessas formas de recriação, de imaginação e de intervenção sobre o mundo "hors-texte".

Nesta entrevista, é menos saliente o debate das ferramentas teóricas que constituem o principal legado da autora para a literatura académica das duas últimas décadas, de que os conceitos de "zona de contacto" e de "transculturização" serão os exemplos mais citados. Têm maior significado na conversa que encontrarão vertida nas páginas seguintes as reflexões de Pratt sobre a sua experiência e o seu lugar no campo da produção intelectual.

Por
LEONOR PIRES MARTINS

LEONOR PIRES MARTINS – *Consultei o seu*